

Por uma ponte entre o campo e a sala de aula

Vinícius Souza

Doutorando em Comunicação na Universidade Paulista (Unip), jornalista, fotógrafo, documentarista e professor do Celacc-ECA-USP.

E-mail: vgpsouza@uol.com.br

Maria Eugênia Sá

Fotógrafa, fotojornalista, documentarista e produtora audiovisual.

E-mail: fmge_sa@yahoo.com

Resumo: Os fotógrafos, jornalistas, documentaristas e pesquisadores Vinicius Souza e Maria Eugênia Sá falam sobre suas carreiras internacionais na cobertura de temas humanitários e sobre a importância de mostrar na mídia, em palestras, *blogs* e nas salas de aula, histórias e imagens que normalmente não recebem destaque nos grandes veículos de comunicação. Em artigos, exposições, livros e documentários, eles abordam o que chamam de “realidades e invisibilidades midiáticas”, questionando sempre a importância da publicação de fatos que tragam informação relevante para a vida das pessoas e sua ação no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: realidade, mídia, fotografia, fotojornalismo, conflitos.

Abstract: The photographers, journalists, documentary filmmakers and researchers Vinicius Souza and Maria Eugenia Sá talk about their international careers in covering humanitarian issues and the importance of showing – in the media, in lectures, blogs and in classrooms – stories and images that are not normally debated in major media. In papers, exhibitions, books and documentaries, they address what they call “media realities and invisibilities”, always questioning the importance of publishing facts that bring relevant information to people’s lives and to their action in the contemporary world.

Keywords: reality, media, photography, photojournalism, conflicts.



Crédito: arquivo pessoal

Os autores: Maria Eugênia Sá e Vinícius Souza

Recebido: 30/06/2014

Aprovado: 01/08/2014

1. INTRODUÇÃO

A relação entre informação (ou mesmo educação) e comunicação sempre nos fascinou. O enigma da transformação de um fato em notícia e dados em conhecimento amplamente difundido na sociedade, desde cedo, nos intrigou. Por que o fim de um casamento entre atores recebe mais destaque no noticiário do que a morte de dezenas de pessoas em uma favela, por exemplo? E qual o papel da imagem nessa construção de consensos e opiniões? Foi exatamente para procurar essas respostas que nos lançamos, já há quase 15 anos, na busca do que hoje chamamos de “realidades e invisibilidades midiáticas”. O desafio tem sido mostrar ao público aquilo que a imprensa geralmente não exhibe. Com frequência, situações parecidas com outras que recebem holofotes da grande imprensa e até editoriais de importantes meios de comunicação que afetam diretamente um enorme contingente de pessoas, mas que são encobertas por interesses escusos e quase nunca são alvo de qualquer fecho de luz. Hoje, como professor universitário, documentaristas e fotojornalistas, e nas palestras que damos juntos, o tema das imagens construindo a realidade consensual é prioritário.

Nossa primeira grande iniciativa nessa seara – após dez anos trabalhando quase que exclusivamente na imprensa de tecnologia, e com a Maria Eugênia tendo atuado no mercado de publicidade – foi um mergulho de cabeça nas consequências da guerra e do subdesenvolvimento na África. Antes, porém, havíamos passado um ano trabalhando temas leves de fotografia, música e cultura em Nova Orleans (em paralelo a um trabalho de *freelancer* fixo como correspondente da *Gazeta Mercantil* nos Estados Unidos e o aprendizado da língua), de volta ao Brasil para nove meses de assessoria de imprensa e conseguido mais um tempo de estudo de imersão em fotografia documental com o mestre Viktor Kolar, da Universidade de Fotografia, Cinema e TV de Praga – Famu. Foi fundamental para nossa formação o contato íntimo com um fotógrafo que fugiu da Tchecoslováquia durante a Primavera de Praga, viveu e ensinou por vários anos no Canadá, mas teve de retornar à sua cidade natal, Ostrava, antes do fim da Guerra Fria e às suas raízes para fazer as imagens que realmente lhe falam (e a nós) ao coração¹.

2. DE TEREZIN (REPÚBLICA TCHECA) A ANGOLA

Por meio de um jornal em inglês publicado na República Tcheca, soubemos da tentativa de descendentes de alemães buscando indenizações pelo período que passaram como prisioneiros do exército russo na cidade medieval de Terezin depois da Segunda Guerra Mundial. Construído para ser um bastião de proteção para Praga, o vilarejo murado em forma de estrela sempre recebera moradores obrigados a viver lá: desde seus construtores até os familiares dos soldados que serviam no local. Para o exército nazista, o lugar era ideal para

1. KOLAR, Viktor; CIES-LAR, Jiri. Foto. Praga, República Tcheca: Torst, 2002.

Crédito: Vinícius Souza



Tanque de guerra destruído serve de *playground* para crianças.
Tchaka Tcholohanga, Angola, setembro de 2002. *Angola – A Esperança de um Povo*

o depósito forçado de judeus, da então Tchecoslováquia, e seu trabalho forçado numa fábrica de foguetes V2 e na construção dos trilhos que os levariam finalmente aos campos de concentração e extermínio na Polônia.

Terezin também é famosa por um “documentário” produzido pelos nazistas para refutar as alegações de maus-tratos aos judeus. Nos filmes feitos para a Cruz Vermelha, as crianças brincam nas ruas arborizadas e cantam em corais muito bem ensaiados. Poucas delas sobreviveriam ao Holocausto. A prisão, tortura e execução de pessoas de ascendência germânica na cidade depois de 1945, no entanto, era um fato da qual nunca ouvimos falar. Um tabu para os atuais moradores e fora dos panfletos turísticos e placas memoriais. Foi um imenso desafio contar essa história por meio de imagens, tanto pela distância no tempo como pela resistência em falar dos descendentes de judeus que lá também sofreram. O resultado, no entanto, mereceu uma mostra no Solar da Marquesa de Santos, em São Paulo, durante o VI Mês da Fotografia, em colaboração com a fotógrafa estadunidense Christy Speakman². E nos estimulou a buscar outras realidades escondidas.

Em 2002, o fim da guerra em Angola, com a morte de Jonas Savimbi, da Unita, foi a oportunidade de retomar um antigo projeto de fotografar um conflito na África, abandonado dez anos antes devido ao recrudescimento dos embates. Com o apoio do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, dos Médicos Sem Fronteiras, da Associação Evangélica de Angola e outras entidades, tivemos acesso a histórias terríveis de violência e morte. Contudo, testemunhamos

2. Algumas imagens da exposição *Reminiscências de Terezin* podem ser vistas no *Blog da Cléa*, em <<http://cleaacia.com.br/o-olhar-de-ge/reminiscencias-de-terezin/#.U9cE30g96oU>>, em <<http://photos.uol.com.br/materias/ver/51010>> e também em <www.mediaquatro.com/terezin.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

também o renascimento das esperanças num país devastado pela disputa fratricida e os interesses da Guerra Fria. Coincidentemente, o famoso fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado havia realizado poucos meses antes um périplo semelhante resultando num ensaio chamado *Angola Esquecida*³. Assim como em Terezin, assumimos o desafio de traçar um contraponto imagético. Não se trata de negar a realidade de fome, doença e conflitos que assolam o continente. Isso todo mundo sabe. Para nós, o interessante é mostrar um outro ponto de vista, imagens que tragam informações novas e diferentes.

Como ensina o professor Boris Kossoy “a fotografia é sempre uma representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real”⁴. Assim, decidimos chamar o projeto de *Angola – A Esperança de um Povo* e tivemos grande receptividade para o material. Dessa vez, logramos adicionar textos às imagens e publicar duas matérias nas revistas *Horizonte Geográfico*⁵ e *Jungle Drums* (publicação londrina bilíngue)⁶. A exposição fotográfica resultante do projeto também teve uma visibilidade muito maior, tendo ocupado espaços importantes em São Paulo, Salvador (ambas nos Conjuntos Culturais da Caixa Econômica Federal), Rio de Janeiro (Centro Cultural da Justiça Federal) e Brasília (Espaço Cultural Venâncio – ECCO), além de ter dado origem ao livro bilíngue *Angola – A Esperança de um Povo*, lançado em 2004 pela Editora Casa Amarela.

A repercussão desse trabalho nos abriu novas oportunidades, permitindo que pouco a pouco fôssemos deixando os “frilas” de tecnologia e assessoria de imprensa para nos dedicarmos mais aos temas humanitários. Engatamos na sequência três projetos que resultaram em exposições menores, mas que consideramos fundamentais em nossa trajetória. O mais longo foi o que tratou da questão tabu da hanseníase no Brasil, em parceria com a American Leprosy Missions. A doença, erradicada na maior parte do mundo, é endêmica no país e infecta cerca de 50 mil novas pessoas por ano. Seu histórico de repulsa pela sociedade e de encarceramento dos doentes, no entanto, segue mantendo o tema encoberto, facilitando a transmissão e as sequelas que poderiam facilmente ser evitadas com a medicina atual. Um artigo de fôlego, se comparado com a maioria das matérias publicadas atualmente nos jornais, foi oferecido a diversas publicações e recusado com as mais diferentes desculpas até ser aceito pela *Revista da Folha* em setembro de 2005⁷.

3. DOS CONFLITOS NA REGIÃO DA CAXEMIRA À PERIFERIA DA COLÔMBIA

O tabu sobre a lepra, como a doença era chamada antigamente, no entanto, não é exclusivo do Brasil. Apesar do apoio de uma ONG internacional, demos com a cara nas portas das instituições indianas onde tentamos traçar o contraponto da realidade brasileira. Por sorte, os contatos com a comunidade de ação humanitária nos permitiram partir para um novo cenário de guerra:

3. Disponível em: <www.msf.org.br/galeriaFotos/116/angola-esquecida-sebastiao-salgado>. Acesso em: 28 jul. 2014.

4. KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 52.

5. *Angola em dias de esperança*. Edição 87, ano 16. Disponível também em <www.mediaquatro.com/angola-hg.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

6. *Dias melhores virão*. Edição 18, 2003. Disponível também em: <www.mediaquatro.com/angola-jd.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

7. Segregados. *Revista da Folha*, n. 687, ano 14. Disponível em: <www.mediaquatro.com/hansen-folha.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

a Caxemira sob ocupação. Enfrentamos uma diferença de quase 40 graus de temperatura entre Nova Deli e Srinagar (capital de verão do estado indiano de Jammu e Caxemira, com neve em plena primavera!) e 40 minutos de interrogatório no aeroporto para convencer um capitão do exército de que não éramos jornalistas, proibidos de entrar no território, mas apenas “um casal em lua de mel”. Nossa salvação foi a camisa amarelinha da Seleção Brasileira (“Capitão, libera eles. São brasileiros. Pelé, Ronaldo, Maradona!”), disse um soldado antes de revistarem a sexta mala, com seis câmeras fotográficas e 100 rolos de filme.). Ainda assim fomos instalados numa *house-boat* (espécie de quarto de hotel flutuante no lago Dal) de um indiano colaboracionista e sob constante vigilância dos militares. Tivemos de intercalar caros passeios turísticos com fugas rápidas para entrevistas com jornalistas, médicos, ativistas e separatistas. E fizemos a volta por terra para não encontrar novamente o tal capitão.

Diferente da narrativa usualmente disseminada na grande mídia mundial, o território da Caxemira não está apenas em disputa entre Índia e Paquistão. Há vários grupos separatistas que lutam (em guerrilha ou na política) pela autonomia ou independência dos dois países. De fato, a região está sob ocupação estrangeira há cerca de 500 anos, tendo sido administrada por potências como o Império Britânico, mas também pelos mongóis, afegãos, hindus... Até a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, a região era a que mais tinha atentados suicidas no mundo, superando em largo número, por exemplo, os palestinos. Assim como Israel, também Índia e Paquistão ignoram solenemente desde 1947 as resoluções da ONU que exigem um plebiscito para definir o *status* do território de acordo com a vontade da maioria da população. Ainda hoje, cerca de 100 pessoas morrem por semana devido ao conflito e o exército indiano segue utilizando o estupro em massa como forma de quebrar o desejo por autodeterminação do povo. Mas no Ocidente que, com razão, mostra tanto os massacres na Palestina, só saem notícias da Caxemira quando há mais de 20 mortos em um único evento. A partir dessa experiência, escrevemos três boas matérias sobre o tema nas revistas *Carta Capital*⁸, *Caminhos da Terra*⁹ e *Caros Amigos*¹⁰ (repblicada em inglês no site WorldPress.org¹¹).

Foi numa conversa com colaboradores dos Médicos Sem Fronteiras na Caxemira que surgiu a pauta de nosso próximo trabalho: a violência urbana na Colômbia. Soubemos através deles que mais de 80% das mortes a bala no nosso vizinho não têm qualquer relação com os temas que predominam no noticiário latino-americano e mundial: tráfico de drogas e guerra civil. Ao contrário, os assassinatos, via de regra, se parecem muito mais com os que ocorrem no Brasil. São latrocínios, vinganças, violência política e policial, acidentes e motivos fúteis, como brigas de trânsito. De volta ao Brasil, queimamos as milhagens conseguidas com a viagem à distante Índia para visitar as periferias de Bogotá e Cali. Ficamos revoltados com a injustiça da prisão em massa de mulheres pobres que usam documentos falsos para trabalhar porque não podem pagar o caro exame de tipagem sanguínea cartorizado exigido para o documento oficial. Ficamos chocados com os seguidos assaltos e violência no bairro de

8. No olho calmo do furacão. *Carta Capital*, edição 300, ano 10. Disponível em: <www.mediaquatro.com/caxemira-cc.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

9. O drama da Caxemira. *Caminhos da Terra*, edição 149, ano 12. Disponível em: <www.mediaquatro.com/caxemira-ct.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

10. Caxemira: Ocupada, dividida e disputada. *Caros Amigos*, edição 88, ano 8. Disponível em: <www.mediaquatro.com/caxemira-ca.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

11. Kashmir: Occupied, Partitioned and Disputed. Disponível em: <www.worldpress.org/Asia/1949.cfm> Acesso em: 28 jul. 2014.

12. Ver: <www.mediaquatro.com/fsm.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

13. Um país, várias guerras. **Carta Capital**, edição 324, ano 11. Disponível em: <www.mediaquatro.com/colombia-cc.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

14. Qual Guerra civil? **Caros Amigos**, edição 94, ano 8. Disponível em: <www.mediaquatro.com/colombia-ca.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

15. MSF transfere programa contra violência urbana para o governo de Cali. **Agência de Notícias Web Adital**, 20 de dezembro de 2004. Disponível em: <www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=14892>. Acesso em: 28 jul. 2014.

16. **A gênese da violência colombiana**. Disponível em: <www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/a_genese_da_violencia_colombiana>. Acesso em: 28 jul. 2014.

17. A “democracia” colombiana e os 80 anos de assassinatos de trabalhadores. **Ideias**, 21 de maio de 2005. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=-PT&cod=33141>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

18. Na Colômbia, minas atingem três por dia. **Folha de São Paulo**, 18 de dezembro de 2005. Disponível em: <www.mediaquatro.com/minas-folha.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

19. **América Minada**. **Rolling Stones**, edição 16, janeiro de 2008. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/16/america-minada>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

20. A mais estúpida de todas as armas. **Jungle Drums**, edição 26, julho de 2005. Disponível em: <www.mediaquatro.com/



Crédito: Maria Eugênia Sa

Vítima de mina terrestre em Medellín, *América Minada*, Colômbia, 2004

Siloé, atingindo mesmo a casa dos padres franciscanos (como alguém pode roubar uma ordem que faz voto de pobreza?). E nos assustamos com a frieza de pistoleiros que só sentem alguma coisa (prazer) em matar quando é por vingança, e não por dinheiro. Algumas das fotos fizeram parte de exposições como *Saúde, Militarização e Insegurança – Um Retrato de África, Ásia e América Latina*¹², no Fórum Social de 2005, em Porto Alegre.

Mais uma vez, *Carta Capital*¹³ e *Caros Amigos*¹⁴ abriram suas páginas para nossos artigos, assim como a *Agência de Notícias Web Adital*¹⁵. Em viagens posteriores à Colômbia, conhecemos um pouco melhor as origens da violência política no país, remetendo ao assassinato de Gaitán, à criação da Organização dos Estados Americanos e à semente da revolução cubana. Dessa vez, as revistas *Fórum*¹⁶ e *Ideias*¹⁷ compraram as pautas, também republicadas na *Adital*. Mas foi logo na primeira viagem ao país, já com o livro sobre Angola publicado, que descobrimos outra grande realidade escondida pela mídia: os campos minados que cobrem vastas regiões da América Latina, vitimando pessoas inocentes todos os dias. O projeto *América Minada* tomaria os próximos cinco anos e seria, até aqui, o mais amplo que já realizamos. Foram dezenas de artigos em jornais e revistas no Brasil, desde *Folha de S.Paulo*¹⁸ até *Rolling Stones*¹⁹. Também no exterior, como *Jungle Drums*²⁰ e a acadêmica *Journal of ERW and Mine Action*²¹, da Universidade James Madison. Além de exposições fotográficas²² em diversos países como Chile, Venezuela, Peru, Jordânia, e mais um livro trilingue com prefácio do famoso fotógrafo de guerra Tim Page²³ publicado pela editora Photos, em 2007.

O mais inusitado do projeto, contudo, não foi o sofrimento dos sobreviventes e familiares de vítimas, mas o absoluto desconhecimento mesmo de quem deveria, por ofício, saber dessa realidade e repassá-la à população diretamente afetada. Foi por meio disso que conseguimos, na então TV Brasil Canal Integración, apoio para uma pós-produção profissional de nosso primeiro documentário em vídeo²⁵, que participou de nove festivais internacionais e foi premiado em Cartagena, na Colômbia. A equipe ligada à Empresa Brasileira de Comunicação produzia à época um noticiário diário em espanhol sobre problemas da América Latina, retransmitido por diversas emissoras do continente. Quando chegamos a seus escritórios e estúdios em Brasília dizendo que havia campos minados em 11 países da região e que tínhamos material bruto em vídeo e fotos sobre as duas situações mais graves na América do Sul (Colômbia e Peru), eles quase não puderam acreditar.

O exemplo da falha de conhecimento e comunicação de uma realidade tão alarmante nos fez querer entender melhor os mecanismos que levam um fato a virar notícia e como essa notícia, ou sua falta, afetam a população que depende da mídia para compreender o mundo em que vivemos. Montamos então uma palestra para um grupo de estudantes concorrendo a uma vaga no curso “Jornalismo em situações de conflito armado”, de 2007, promovido pela OBORÉ Projetos Especiais, onde exibimos pela primeira vez o documentário *América Minada*, e que em 2009 se tornaria uma aula em um curso especial do Grupo de Estudos em Jornalismo Popular e Alternativo – Alterjor, da ECA-USP. Esse interesse me levou, ainda, a retornar aos bancos acadêmicos, primeiro como aluno especial da disciplina “Fotografia, Comunicação e Memória”, com o prof. Boris Kossoy, na ECA, e depois no Mestrado em Comunicação na Universidade Paulista – Unip, sob orientação do saudoso prof. Eduardo Peñuela Cañizal, onde defendi em 2010 a dissertação “Imagens Mutiladas – Realidades e Invisibilidades Midiáticas”²⁵. Foi por meio dele, falecido no início desse ano, poucas semanas antes da minha qualificação no Doutorado de que também era orientador, que reforçamos nossa crença de que “além da história oficial, a foto adentra no individual e no privado, característica que lhe confere a propriedade de penetrar no secreto, instalar-se, por conseguinte, no mistério a que alude o poeta mexicano [Otávio Paz]”²⁶.

4. NOVOS DESAFIOS

Atualmente, abandonamos de vez o jornalismo de tecnologia e a assessoria de imprensa para nos dedicarmos aos estudos (estou cursando Doutorado em Comunicação na Unip e seguindo para uma bolsa-sanduíche em Portugal com o prof. Jorge Pedro Sousa, na Universidade Fernando Pessoa, desenvolvendo o tema da fotografia de conflito), às palestras conjuntas e às aulas (sou professor de Produção Midiática para a Área Cultural no curso de pós-graduação *lato sensu* do Centro de Estudos Latino Americano em Comunicação e Cultura,

minas-jd.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

21. Finally, safe demining. *Journal or ERW and Mine Action*, edição 10.2, inverno de 2006. Disponível em: <www.jmu.edu/cisr/journal/10.2/mip/souza/souza.shtml>. Latin victims are invisible to the international media. *Journal or ERW and Mine Action*, edição 13.1, verão de 2009. Disponível em: <www.jmu.edu/cisr/journal/13.1/focus/souza/souza.shtml>. Versões em português disponíveis também em <www.mediaquatro.com/minas-jma.html> (Finalmente uma desminagem segura) e <www.mediaquatro.com/minas-jma2.html> (Vítimas latinas são invisíveis para a mídia internacional). Acesso em: 28 jul. 2014.

22. Ver: <www.mediaquatro.com/minas-expo.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

23. Ver: <www.mediaquatro.com/minas-livro.html>. Acesso em: 28 jul. 2014.

24. Ver: <http://apublica.org/2012/02/minas-nao-escolhem-suas-vitimas>. Acesso em: 28 jul. 2014.

25. Ver em: <www3.unip.br/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/comunic_viniciusguedes-pereiradesouza.swf>. Acesso em: 29 jul. 2014.

26. CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. El Significante Imperfecto de la Fotografía. In: *Fronteras de la Semiótica*. Lima, Peru: Universidad de Lima/Fondo de Cultura Económica, 1999, v. 1, p. 459.

27. Ver: <<http://brasil-mais40.wordpress.com>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

28. Ver: <<http://cleaacia.com.br>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

29. Honduras: América Latina acusa o golpe. *Ideias em Revista*, edição 25, agosto de 2009. Disponível também em: <www.midiaindependente.org/pt/red/2009/10/456424.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2014.

30. As lições do golpe. *Ideias em Revista*, edição 38, setembro 2012. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/mundo/america-latina/paraguai>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

31. Famílias do Pinheirinho sofrem com abandono e sequelas da operação policial. Agência Pública, 30 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://apublica.org/2013/01/familias-de-pinheirinho-sofrem-abandono-sequelas-da-operacao-policial>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

32. Série de quatro artigos começando com *Defensor Público do Pinheirinho denuncia prefeitura por mentiras e terrorismo contra desabrigados*. 24 de abril de 2012. Disponível em: <www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2012/04/defensor-publico-do-pinheirinho-denuncia-prefeitura-por-mentiras-e-terrorismo-contra-desabrigados>. Acesso em: 29 jul. 2014.

33. Pinheirinho: Justiça pra quem? *Ideias em Revista*, edição 36, março de 2012. Disponível em: <www.ciranda.net/fsm-2011-dakar/article/pinheirinho-justica-para-quem?lang=pt_br>. Acesso em: 29 jul. 2014.



Crédito: Vinicius Souza

Tropa de Choque reprime manifestações na Praça da Sé, 7 de setembro de 2013. *São Paulo nas Ruas*

Celacc-ECA-USP). Já Maria Eugênia, escreve uma coluna quinzenal sobre fotografia no *blog Brasil + 40*²⁷ e *Cléa & Cia*²⁸. Além de mantermos nosso *site* próprio, o Mediaquatro.com, que no momento está sendo totalmente reformulado, já que sua estrutura básica foi toda escrita na anacrônica linguagem do HTML puro, ainda no início do século. Acreditamos piamente que nossa missão não se restringe a descobrir o que a mídia não mostra, mas também fazer a ponte entre o jornalismo e a fotografia em campo e a sala de aula.

Por isso, seguimos, fotografando e cobrindo conflitos no Brasil e no exterior. Nos últimos anos acompanhamos, por exemplo, os golpes em Honduras²⁹ e no Paraguai³⁰. Também fizemos reportagens, com fotos e vídeos, sobre a destruição do bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos, São Paulo, divulgadas pela Agência Pública³¹ de Jornalismo Investigativo, pela Rede Brasil Atual³² (ambas em colaboração com o colega jornalista e professor Moriti Neto) e com matéria de capa na *Ideias em Revista*³³. E, sempre que possível, temos discutido a mídia e exposto nossas fotos. A exposição mais recente se chama *Revolver (v.t. 1. Agitar*

em vários sentidos; agitar. 2. Examinar cuidadosamente. 3. Revirar.)³⁴ e já foi apresentada no Fórum Social Temático de 2012, em Porto Alegre, e no II Fórum Mundial de Mídia Livre, durante a RIO+20, no Rio de Janeiro, no mesmo ano. Essa última já contando também com imagens da cobertura das manifestações de jovens no Brasil que antecipariam as Jornadas de Junho de 2013. A próxima edição, ainda sem local ou data definidos, certamente trará novas fotos do ano passado e deste, como as que ilustram o vídeo *São Paulo nas Ruas*³⁵ e o artigo “Fantasmas da Ditadura”³⁶, publicado na *Edição Especial 66 - Violência Policial* da revista *Caros Amigos*. Nosso projeto atual é sobre as Mães de Maio, grupo de mulheres que tiveram parentes assassinados pela polícia brasileira.

REFERÊNCIAS

- CANIZAL, Eduardo Peñuela. El Significante Imperfecto de la Fotografía. In: **Fronteras de la Semiótica**. Lima, Peru: Universidad de Lima/Fondo de Cultura Económica, 1999. v. 1.
- KOLAR, Viktor; CIESLAR, Jiri. **Foto**. Praga, República Tcheca: Torst, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- SOUZA, Vinicius; SÁ, Maria Eugênia. **Angola A Esperança de Um Povo / Angola The Hope of a People**. São Paulo: Casa Amarela, 2004.
- _____. **América Minada / Mined América**. Camboriú: Photos, 2007.

34. Ver: <www.mediaquatro.com/expo-fst.html>. Acesso em: 29 jul. 2014.

35. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=MOaUu6Dit0>. Acesso em: 29 jul. 2014.

36. Disponível em: <<http://brasilmais40.wordpress.com/2014/01/09/fantasmas-da-ditadura>>. Acesso em: 29 jul. 2014.